



BARCAS JAPONEZAS.

O JAPÃO.

I

A SITUAÇÃO do imperio do Japão corresponde na latitude ás regiões do nosso hemispherio que jazem entre as provincias meridionaes da França e a parte de sueste do imperio de Marrocos: a longitude é cem gráus a leste de S. Petersburgo, de sorte que no centro do Japão nasce o sol sete horas mais cedo do que na capital da Russia.

O Japão é um archipelago, de que é cabeça a ilha de Niphon, que tem no seu maior comprimento trezentas leguas de sudoeste a noroeste, e na maior largura quasi sessenta, de vinte ao gráu. São oito as ilhas principaes, e ha um grande numero de outras de menor importancia, compondo todas o mesmo estado, cercadas do oceano oriental, defronte da Coréa, da China e da Tartaria; e separadas do continente por um extenso braço de mar, chamado o Mar do Japão, tomando na parte onde é mais apertado o nome de estreito da Coréa; entre esta península e a costa meridional de Niphon ha trinta e cinco leguas, a maior largura é de duzentas.

Comparando a situação geographica dos dominios japonezes com a dos estados que demoram sob o mesmo grau de latitude no hemispherio occidental, esperar-se-hia achar grande semelhança de clima; mas não é assim. A differença que existe a este respeito entre as duas porções correlativas do globo é tão admiravel que merece particular explicação. Por exem-

plo, a cidade de Mastmai, na ilha do mesmo nome, ao norte de Niphon, está em 42 de latitude no mesmo paralelo de Lionne na Italia, de Bilbao na Hespanha, e de Toulon em França: n'estas tres cidades os habitantes só conhecem a neve nos altos das montanhas; e em Mastmai os lagos e pantanos estão gelados todo o inverno, os valles, e planicies estão desde novembro até abril cobertos de neve, que não cae menos abundantemente que em S. Petersburgo: as fortes geadas alli são na verdade pouco ordinarias, comtudo viu-se ás vezes o thermometro de Réaumur descer a 15 gráus abaixo de zero. No verão os paizes da Europa situados debaixo do mesmo paralelo em que está Mastmai soffrem calores fortes e continuos; porém n'aquella ilha caem aguaceiros rijos, pelo menos duas vezes na semana, escurece a atmosphera no extremo do horisonte, reinam ventos impetuosos, e permanecem os nevoeiros. — Em Jedo, capital de Niphon e do imperio, nos 36 de latitude, neva por muitas vezes em as noites do inverno: se reflectirmos que Jedo, é tão distante do polo como a cidade de Malaga na Hespanha, deveremos concluir que o clima do hemispherio oriental é mais rigoroso que o do hemispherio opposto. — Esta enorme differença procede das localidades. O Japão está lançado no oceano oriental, justamente chamado o mar das brumas ou cerrações. Não é raro aturarem os nevoeiros no verão tres ou quatro dias a fio; e poucas horas passam no dia sem aquelles ou sem chuva. O máu tempo faz o ar frio e humido; e os raios do sol não tem a mesma actividade que desenvolvem n'um céu

VOL. I. — OUTUBRO 31, 1840.

C. M. L.
 GABINETE
 DE HISTÓRIAS
 QUÍMICA

mais sereno; accresce que a parte septentrional das tres ilhas maiores é de serranias elevadas, que perdem no meio das nuvens os seus alcantis: o vento que parte das montanhas vem repassado de frio glacial. Finalmente os japonezes ficam separados da Asia, que foi o seu berço, por um braço de mar; teem defronte o paiz dos manchús e a Tartaria; toda essa região é cortada de serras, de pantanos extensissimos, e de incultos desertos, d'onde se derivam, mesmo no estio, ventos excessivamente frios. Taes são as causas productoras de uma differença consideravel de clima entre as regiões orientaes do mundo antigo e o nosso hemisphero occidental no mesmo paralelo.

O povo japonex tem uma nacionalidade distincta dos outros asiaticos, posto que a muitos respeito pareça approximar-se dos chinas até na physionomia: tem usos, costumes, e praticas peculiares; — e uma cidade do seu archipelago appresenta muita variedade em comparação com as de seus vizinhos. As casas, á excepção dos alicerces, não são de alvenaria, construem-nas de madeira e de um só andar; os tabiques que separam os quartos são moveis, de fórma que se póde fazer de toda a casa uma só camara, como em algumas partes da Hespanha antiga. O uso das chaminés é ignorado; e fazem a cosinha em fogões tambem á semelhança dos *braseros* dos hespanhoes: os pobres teem lareiras de tijolos. A mobilia é quasi nenhuma; cobrem o solho com esteiras mui finas, conservadas com toda a limpeza, porque em tudo são muito acedados; para receber as visitas estendem por cima alcatifas ou mantas, segundo suas posses. — Armas de varia especie, vasos de porcelana, e alguns objectos curiosos adornam as casas interiores: as paredes são guarnecidas de papel dourado ou de côres, fórra a que os ricos accrescentam molduras e outros ornatos de madeira lavrada com gosto, e envernizada ou dourada. — Os edificios são exteriormente de extrema simplicidade: a differença entre a morada do abastado e a do pobre consiste em ter a casa das pessoas illustres um pateo espaçoso, fechado com altas estacadas ou muros de taipa, de sorte que apenas se descobrem os telhados. Além d'isso, os nobres e opulentos possuem jardins vastos contiguos ás casas, e muito se applicam a aformoseal-os, para o que não se poupam a gastos. No interior das habitações observa-se acceio minucioso. Nota-se porém a nimia estreiteza das ruas.

Os japonezes barbeam-se e rapam o alto da cabeça, deixando porém o cabello da nuca e umas guedelhas sobre as fontes, amarrando-as para traz com uma fita: é simples o riçado, mas ainda assim requer seus desvelos; é preciso conserva-los com certa pomada que faz os cabellos lustrosos e os empasta; e para que o monete se aranje com a devida perfeição, é mister que arremede um pedaço de pau envernizado e quadrangular, um tanto cavado pela parte superior e dos lados. Os seus cabeleireiros são mui destros, mas consomem muito tempo n'esta operação.

O trajo commum é um chambre sem gola, e de mangas largas que chegam só aos cotovellos: a parte inferior da manga arregaça-se e faz uma especie de saca, que serve de algibeira, como usavam os franciscanos. Ou por fausto ou para resguardar do frio, vestem cinco ou seis d'essas tunicas, umas por cima d'outras, e sujeitam-n'as com um cinto em duas voltas á roda do corpo. Todos, ainda os de menos posses, trajam vestidos de seda, sobre tudo nos dias festivos: o povo miudo usa commumente de tecidos d'algodão: fato de brim é de indigentes, ou dos operarios durante o trabalho.

O japonex, se estando em casa sente calma, despe o vestido de cima e prende-o á cinta: se ainda acha muito calor, desembaraça-se do segundo, e assim por diante até ficar com um só. Se arrefece, vai enfiando successivamente as suas tunicas. As mulheres por moda e luxo ainda se servem de maior quantidade; chegam a trazer vinte, porém de seda muito leve e subtil, quasi semelhante a gaze: usam cintos como os homens, porém de muito maior largura, deixando soltas e fluctuantes as pontas.

Ha outra casta de opa, do mesmo talhe da precedente, mas muito mais ampla, que se traz sobre as outras, e sem cinto. Fallando propriamente é o vestuario de cerimonia; é indispensavel para visitas de gravidade; e com o outro sae-se a passeio, a negocios, ou a procurar um amigo. Os nobres mandam bordar sobre o peito e nas mangas os seus brazões. — O terceiro traste para vestir é um fraque largo, que se usa quando faz frio, e que se larga ao entrar em qualquer casa.

Os japonezes não usam pantalonas ou calças, á excepção dos militares, e de quem vai de jornada: porém os empregados do estado as trazem no exercicio de seus cargos, nos dias solemnes, e quando vão falar a superiores.

O HADJEB DE KORDOVA.

(972 a 992)

(Conclusão.)

V

Walcorari!

O RECONTRO das duas hostes separou o terrivel guerreiro do seu contrario, o el-Mansur. D'uma e outra parte era a flôr dos dois exercitos: pelejou-se mais bravamente do que nunca. O desconhecido, sem fazer caso das feridas, que lhe sangravam por todo o corpo, travou da massa ponteaguda d'um cavalleiro morto, e, a pé, de cabeça descoberta, como estava, foi-se ao mais basto das fileiras sarracenas, dando fim a uma vida em cadaum dos seus golpes formidaveis. Era incrível a energia d'aquelle homem. Não parecia mortal: podia julgar-se um d'aquelles semideuses fabulados, que as divindades do Olympo grego protegiam.

A guarda do hadjeb não fugiu como as hostes da campina: acabou de pelejar quando o ultimo homem caiu.

Mohamed, porém, não appareceu no campo. Duas horas inteiras levou o desconhecido a examinar os cadaveres um por um; e era realmente um espectáculo assombroso ver aquelle homem curvado sobre os mortos e moribundos, a apalpar-lhes o rosto, a tentar-lhes as feridas, a contar-lh'as, tremendo ansioso, e a espreita-los e a revolve-los, como se alli, n'um d'elles, tivera occulta a propria vida.

Depois de ter corrido todos ergueu-se, rugindo contra os seus pelo haverem separado do hadjeb. Já poucos d'elles restavam tambem. A cimitarra dos bereberes não havia ficado ociosa: os guerreiros do Maghreb tinham caído vingados.

O desconhecido não contou os combatentes que o cercavam. Cavalgou n'um ginete perdido, largou-o pela encosta abaixo, e, sem desviar o rosto, sem ver se o seguiam os da sua hoste, foi direito á planicie, perguntando rapidamente, a quantos encontrava, noticias do hadjeb.

Eis-aqui o que elle soube:

Logo no começo do recontro da montanha alguns dos principaes africanos tinham levado Mohamed para longe do combate. Os guerreiros de Navarra, dispersos na planicie, viram fugir um troço de cavalleiros levando nos braços um dos seus mal-ferido, caminho de Medina-Cœli.

O guerreiro não perguntou mais: picou direito sobre Medina-Cœli.

Acompanhavam-n'o os que tinham ficado vivos da refrega em Calat-al-nosor.

Sancho, o quadrimano, perseguia no entanto os restos fugitivos das hostes de Mohamed.

O terrivel cabo dos de Afranc não parou em Medina-Cœli. O hadjeb estava em Walcorari com uma parte dos seus.

É inutil dizer se o temeroso desconhecido voaria ou não sobre o castello.

Seguiam-n'o sempre os seus.

Tanto que chegou, o mesmo foi dar vista das muralhas que principiar o ataque. Os de dentro resistiram como quem defende as vidas; os de fóra precipitaram-se como quem se esquece d'ellas. Eram poucos e caçados, mas o exemplo do seu cabo multiplicára-os: combatia á frente, elle. Os golpes da sua massa eram como as pancadas de um ariete. Choviam sobre elle os arremesses, mas o broquel da protecção divina parecia estar sobre a fronte nua d'aquelle homem; e elle continuava a martellar na porta chapeada do castello como se o seu braço não fosse humano. A porta vergou, lascou e cedeu.

Os de dentro, passados de medo, revolviam-se.

O desconhecido não fez caso: voou de quadra em quadra até dar com um leito ensanguentado, onde jazia um moribundo.

Era o hadjeb.

O estranho pagem, que vimos acompanhando o desconhecido desde o principio do combate, era o só que o seguia.

Ao vêr o corpo estendido nas roupas sanguentas, o peito do guerreiro pareceu dilatar-se: respirou á vontade. Cruzou os braços, manchando a camiza de ferro sobre o peito retalhado, e aproximou-se lentamente como saboreando o espectáculo do infeliz alli prostrado. O pagem, do outro lado, aproximou-se como elle, parando-lhe junctos á cabeceira.

Um archote de resina, pregado n'um espigão de ferro que saía da muralha, projectava sobre este grupo uma luz vacillante e avermelhada, que o tornava ainda mais terrivel e phantastico. O vento da noite engolfava-se e gemia nos corredores. Lá fóra nos pateos ouvia-se um embate sonoro d'armas: eram os cavalleiros do Afranc a despojarem os prisioneiros.

O guerreiro desconhecido, porém, não ouvia, não sentia nada; toda a sua vida, toda a sua alma parecia residir alli, n'aquelle leito e n'aquelle corpo.

Pendeu-se para o moribundo, e, bradando-lhe como lhe bradára no pincaro dos abutres, repetiu-lhe ao ouvido:

— «Recordas-te dos jardins de Azahrat?»

Mohamed descerrou as palpebras, em que já carregava o dedo da morte, e voltou a cabeça machinalmente d'um ao outrolado. A vista do pagem pareceu fazer-lhe uma impressão profunda. O desconhecido no entanto sorria.

— «Pago-te enfim a minha divida — clamou elle como abrindo os diques á torrente que lá dentro lhe reservia — pago-te enfim a minha divida, Mohamed. Potente dominador das Hespanhas, que é feito da tua força, onde está ella? Invencivel hadjeb, onde tens essa tremenda cimitarra, que vinte annos vibraste contra os de Christo? Vês? Caíste a final: a tua hora chegou-te. Vinte annos tambem te segui

eu para alcançar a desaffronta, sem nunca desesperar d'ella. Alcancei-a. Sabes quem é esse pagem que ahí vês a teu lado? Conheces-lo? Foi outr'ora a mais formosa, a mais nobre, a mais pura das virgens godas, hoje... quem tal ha de dizer?... nem eu sei: é uma sombra... é o teu remorso, é o teu castigo. É, é o teu remorso vivo, a minha viva injuria. Vinte annos m'a tem ella trazido fresca e viva ao lado — n'aquelles olhos apagados, n'aquellas faces incorradas, n'aquelles beijos sem côr, n'aquellas rugas profundas...»

O pagem era effectivamente a virgem de Amaya, e era tambem uma sombra como o dissera Hermengardo, a quem todos terão já reconhecido na pessoa do guerreiro do Afranc: nunca tão escura sombra se seguira a tão viva luz. Sulcavam-lhe o rosto longas cicatrizes, ganhas juncto do guerreiro.

O mostarabe continuou:

— «Vinte annos, repito, me ardeu cá dentro a indignação, a cada hora, a cada instante, accendendo-me a vergonha nas faces cada vez que me lembrava do que tu me fizeras a esta mulher. Embranqueceu-me a cabeça o receio de morrer sem vingar-me. Louvado sejas, Senhor. Eu cheguei a duvidar da vossa justiça; mas vós sois melhor do que os homens. Cincoenta eramos nós — ouves, Mohamed? — cincoenta eramos nós, que nos juramentamos para cumprir esta vingança. De todos fiquei eu só: os mais caíram um depois do outro, debaixo do ferro dos teus. Caíram uns, mas não se caçavam os outros; eu menos do que nenhum. Protegeu-me Deus como parecia proteger-te: eu fui o só que fiquei de tantos. Vê lá se elle é justo! Fui eu que ergui contra ti os condes christãos e os al-kaides do Andaluz; fui eu que uni e concordei os principes godos; fui eu que vinte annos successivos provei contigo o meu braço em todas as batalhas, até o tornar mais robusto do que o teu; fui eu que sobre as phalanges prostradas fiz surgir novas phalanges; sou eu finalmente que te tenho agora aqui debaixo do joelho, como tu me tiveste ha vinte annos. Recordas-te dos jardins de Azahrat, recordas-te? Sabes o que eu prometti a esta mulher? Prometti restitui-la pura ás Hespanhas, pura, purificada com o meu nome, livre da macula com que tu a maculaste.»

O peito de Hermengardo arquejava, a sua respiração era profunda e sibilante; as palavras rebentavam-lhe dos labios precipitadas e pressurosas. Golsava-lhe o sangue do peito.

Quanto a Gelohira, parecia insensivel a tudo. Tinha morto o coração como a formosura.

O hadjeb murmurava umas palavras sumidas e indistinctas, que ninguem poderia saber se eram blasphemias de desesperado, se rogos de arrependido: não tinha mais que um sopro de vida.

O mostarabe contemplou longo tempo, inanimado e exangue, o corpo d'aquelle homem, que fóra por vinte annos o agoute dos godos e o terror da christandade. Depois, arrancando com a mão esquerda o punhal que trazia no cinto, estendeu a direita ao supposito pagem por cima do quasi cadaver.

— «Gelohira — disse elle, já com esforço, tremula a voz e vacillante o corpo — Gelohira, aqui tens esta mão; aceita-a: é o cumprimento da minha promessa.»

Estas ultimas palavras foram pronunciadas em voz terrivel: dizendo as acabára o desgraçado cravando-lhe no coração estancado o ferro que já lhe tremia na mão!

Aquelle assassinio inutil seria uma piedade se fosse feito para acabar os horrorosos tormentos por que estava passando o hadjeb; mas na intenção com que

O PANORAMA.

Hermengardo o commettêra era uma atrocidade!

Gelohira precipitou se sobre a outra mão que lhe estendia o mostarabe, com um grito em que parecia fugir-lhe a alma ebria de reconhecimento. Curvado um para o outro os dois noivos e terríveis esposos, recebiam no rosto, por confirmação do horrendo consorcio, o sangue que espadanava da nova e derradeira ferida do el-Mansur.

Mas a vida de Hermengardo estava tambem por um fio. Era já miraculoso como aquelle homem podia suster-se de pé, depois de tantas horas de fadigas inauditas, com o corpo todo retalhado de feridas profundas: resistir mais fôra impossivel.

Mal a victima tinha cerrado os olhos, o vingador caíu a seu lado.

Era para nunca mais se levantar!

Gelohira encarou este espectaculo a olhos enxutos. O que se passou n'aquella alma não n'o soube ninguem. Foi-se ao mostarabe, e com o punhal ainda ensanguentado cortou-lhe um anel dos cabellos esbranquiçados.

Um mez depois, nos despenhadeiros das montanhas de Amaya foi achado um corpo de mulher por tal fôrma desfigurado que nunca foi reconhecido. Fechada no punho e chegada ao coração achou-se-lhe uma pequena madeixa de cabellos. Espantaram-se todos: eram cans de um velho!



ESTATUA DE MITHRA.

Em uma das salas da bibliotheca do Vaticano está collocada a estatua que a precedente gravura reproduz: é um idolo copiado da mythologia oriental. — Segundo a religião dos antigos persas o deus Mithra era symbolo do sol, do fogo e do amor: a fabula o faz nascer de uma pedra como a faísca sae da pederneira percutida com o fuzil. Alguns o confundiram com Osiris.

Parece que o culto de Mithra passou da Persia á Cappadocia, onde no tempo do geographo Strabo tinha avultado numero de adoradores. Entrou depois

na mythologia grega, e por fim na dos romanos, que adoptavam, como é sabido, as divindades dos povos que conquistavam. Foi durante a guerra dos piratas, anno de Roma 687, que o numen Mithra começou a ser venerado na Italia: são romanas todas as estatuas que d'elle permanecem. De ordinario é representado na figura de um mancebo bem apessoado, coberta a cabeça com o barrete phrygio, e com um joelho firme sobre um touro derribado, enterrando a faca na cerviz do animal. — São muito mais raros os simulacros iguaes aos da nossa estampa; e aos attributos de que são revestidos dá-se a seguinte explicação. — A cabeça com as feições leoninas allude ao poder que o sol manifesta no signo de Leo; as azas indicam o movimento eterno e rapido d'esse astro; o corisco esculpido no peito recorda o fogo, as chaves de dois feitiços que tem seguras denotam as que serviam, na crença dos persas, para abrir as sete portas por onde passam as almas humanas; a serpente que o enlaça significa a prudencia unida á força: o grifo e o caduceu de Mercurio postos ao lado são acrescentamentos que lhe addicionaram os romanos. — Offereciam a este nume, em virtude dos seus symbolos de creador, as primicias dos fructos: na decadencia do imperio romano ainda tinha sectarios.

A CAMPINA DE ROMA.

(Continuado de pag. 62.)

QUAL será a causa a que devemos attribuir a despovoação da campina de Roma? — Escriutores de subito merecimento, como Licolai, Sismondi, Muller, de Tornon, nas suas disquisições sobre o *agro romano*, tractaram felizmente esta questão importante em relação á historia e á economia politica, e todos acharam a causa na propria grandeza da fortuna romana. Assim que Roma se fez senhora das produções do orbe, desprezou as do seu torrão proprio: — as riquezas acarretaram o desgosto do tracto agricola. Nos primeiros seculos da era romana, as familias patricias cultivavam pessoalmente o seu quinhão de terras, e essa porção era n'esse tempo minima: a principio foi só de duas *jugera* (geiras romanas); para o diante, anno 268, fixou-se em sete geiras, proximoamente 4433 braças portuguezas quadradas, o patrimonio de cada familia: em 362, o senado permitiu a cada membro de familia aquella porção; d'ahi a vinte e seis annos concederam-se quinhentas geiras a cada familia; e em breve deixaram de regular a extensão da propriedade, pelo que, a pouco e pouco, algumas casas patricias acharam-se, por compras, ou substituições, ou heranças, senhoras de toda a campina: abandonaram então ás mãos de seus escravos esses vastos terrenos, e para tornarem mais facil o amanho os reduziram a prastos, a quintas sumptuosas, a lagos e viveiros: — a agricultura propriamente dicta desapareceu. Então as povoações que não haviam sido absorvidas pela cidade de Roma, que tinham vivido dos fructos dos territorios circumvisinhos, decresceram em numero de habitantes, e a final desvaneceram-se, caíram em ruinas. Já no começo da era christã, os campos do Lacio, em que haviam residido nações, tinham-se convertido n'um ermo inculto. Plinio o naturalista assignala, no segundo seculo, os *latifundia* (grandes propriedades) como causa primeira da ruina da Italia; e o que elle dizia da peninsula em geral, applicava-se mais particularmente á campina romana, porque n'ella a despovoação deixava em pleno poder o inimigo tremendo, que havia combatido n'outro tempo com fe-

licidade — a insalubridade da atmosphera. Asseverou-se repetidas vezes que a terrível *mal aria* era gerada das exalações deleterias proprias do terreno, em muita parte volcanico. Posto que amiudadas analyses feitas por chimicos mestres, entre outros o celebre Davy em 1824, nunca demonstrassem que o ar da campina fosse naturalmente viciado, comtudo reinam febres mortiferas no agro de Roma. Que sejam a causa original d'este flagello os elementos constitutivos do solo volcanico, não poderá talvez contestar-se; mas o certo é (e a antiga população do Lacio tão numerosa bem o prova) que a cultura e a habitação d'homens o tinham superado de algum modo: — se fôra perciso, poderia invocar-se o testemunho de Tito Livio.

Só quando as grandes propriedades tinham subvertido a cultura parcellar, e a população habitante dos campos fôra absorvida pela capital do mundo, apparecem nos escriptos de Strabo e Cicero noticias das febres que raream parte do agro de Roma, d'antes tão fecundo em gente: — á medida que se alargou o deserto, dilatou-se a praga e augmentou d'intensidade. Nem eram proprias para restabelecer a povoação e a agricultura as circumstancias da queda do imperio, as desordens subsequentes, e a barbarie da idade media. Por isso S. Pedro Damião, no undecimo seculo, dizia de Roma que *abundava em fructos de morte*.

O estado ermo e de baldio em que se achava a campina sempre foi tão considerado causa da miseria e de falta de gente, que os pontifices alternativamente cuidaram de pôr termo a situação por tal modo triste. Em 1407, Gregorio VII; mais tarde Sixto IV, Julio II, Clemente VII, Pio V, pertenderam obrigar os senhorios feudaes, que tinham succedido ás familias patricias de Roma na posse dos bens rusticos, a amanhar as suas terras, ou pelo menos a confia-las a cultivadores, mediante aforamentos que identificariam o lavrador com a propriedade por um contracto perpetuo e transmissivel. Sixto IV até chegou a permittir ao primeiro occupante semear a terça parte de qualquer terreno inculto, e colher a seara sem renda para o proprietario; porém se os pontifices tiveram boa vontade, faltava-lhes poder para isso; as suas determinações não produziram resultado. Sixto V, com toda a sua energia, não pôde vencer a obstinada resistencia dos senhorios. Em tempo de Alexandre VII (1720) praticaram-se alguns melhoramentos na lavra da campina, mas depois d'elle tudo caíu no estado antigo. Entretanto pelos fins do seculo passado, Pio 6.^o renovou com fervor os projectos de arroteação, emprehendeu a obra admiravel do esgotamento das lagoas Pontinas, e em poucos annos recuperou para a cultura mui avultada porção de um terreno grandemente fecundo. Infelizmente, ao seu successor, Pio VII, faltaram recursos pecuniarios para continuar o enxugamento dos pantanos; comtudo encaminhou a sua sollicitude para a campina propriamente dicta, e empregou de novo os *motu proprio* para obrigar os proprietarios á lavra das terras: tambem imaginou o plano de colonisar o deserto, fazendo cultivar primeiro os arredores de Roma e de outros locaes habitados, de tal fórma que a cultura, dilatando-se cada vez mais, irradiando de centros diferentes, acabaria por cobrir todo o territorio. Porém este projecto não foi posto em practica, ou por causa das inquietações da epocha, ou porque, segundo o antigo e exacto proverbio romano — em Roma todos mandam e ninguem obedece. —

O agro, isto é, a comarca de Roma avalia-se em 205000 hectares de superficie (o hectare corresponde a 4132 braças quadradas): 177 proprietarios, en-

trando 64 corporações religiosas ou de beneficencia, partilham entre si inalienavelmente toda aquella extensão; inhabilitados de amanharem as propriedades á sua custa, arrendam-n'as a caseiros, que, substituindo temporariamente os donos (porque não existem aforamentos senão em as montanhas), não procuram o melhoramento duradouro dos terrenos, mas sim tirar o ganho mais pingue e mais facil de apurar. Note-se que o solo da campina produz excellentes pastos: a brandura do clima permite a pastagem durante o inverno, ao passo que a temperatura mais fresca das montanhas e das mattas do littoral no verão facilita aos gados retiro e sustento, que escapa aos raios abrasadores do sol: a carencia de municipios ruraes, a vastidão das propriedades offerecem aos rebanhos dilatados espaços para vaguearem livremente. Em tão favoraveis circumstancias a criação do gado requer mui diminuto pessoal de pastores e guardas; é por tanto facil conhecer que esta industria deve appresentar grandes vantagens: ellas é que decidiram a transformação da campina em pastigos desde os *latifundia* de Roma até os nossos dias; e é provavel que assim continuem em quanto as propriedades não forem repartidas, porque a agricultura está longe de appresentar quanto aos lucros os mesmos satisfactorios resultados.

A falta de gente de trabalho constringe o cultor a chamar, na estação das sementeiras e nas das colheitas, jornaleiros da Sabina, do reino de Napoles, e das Marcas: os preços dos jornaes sobem a uma taxa mui alta; as longas jornadas, o perigo imminente que affrontam os trabalhadores por causa do clima doentio no verão, justificam a alta dos salarios. São por tanto consideraveis as despesas de costeio; acrescentando-lhe o preço das sementes, os gastos de transporte n'um districto sem vias navegaveis, chegar-se-ha a um total muito subido, que appresenta lucros minimos nos annos fecundos, e perdas reaes nos annos estereis. Em geral, a terra pouco cultivada pelas dictas razões de carestia é mal amanhada, e por isso não dá para pagar o emprego de capital que exige a lavoura: de ordinario não rende mais de oito a nove, ainda que n'algumas folhas de terra bem situadas e bem tractadas por pequenos proprietarios dá ás vezes dezoito sementes.

Por este modo, as despesas quasi que tornam impossivel a cultura; da falta d'esta procede a da povoação; e a carencia d'ambas deixa largas á influencia maligna do ar doentio. Tal é o circulo vicioso de que era mister sair. O papa Leão XII, de illustrado espirito, que, se tivera mais saude e um pouco menos de genio caprichoso, poderia fazer grandes cousas, formou o designio de melhorar a campina romana, para o que mandou organizar planos de lavras de terras, e de canalisação do Tibre e afluentes. A sua vontade, ás vezes violenta, constringeria a obedecerem os grandes proprietarios, rebeldes sempre quando se tracta de melhoramentos; porém falleceu inesperadamente em meio d'estes projectos e de outros que reanimariam os estados pontificios. Porém as suas disposições foram conhecidas fóra dos domínios da sancta sé, e sem duvida fizeram ellas nascer outro projecto. Em 1829 appareceu uma sociedade de capitalistas francezes, inglezes e hollandezes para arrendar toda a campina de Roma. Propunham pagar uma renda annual ao governo, a qual este fixaria, e além d'isso dar uma grossa quantia. O contracto deveria durar cincoenta annos. Cada proprietario devia receber, no dia do arrendamento, a renda que lhe produziam as suas terras. A sociedade contrahia as obrigações de cultivar a campina, de esgotar as lagoas Pontinas e as de Macarese e Ostia, focos de

enfermidades, e de fazer navegaveis o Tibre e o Teverone em todo o seu curso, o que facilitaria ás montanhas de Sabina a extracção de seus productos, que se vendem com prejuizo ou se perdem por falta de meios de transporte. Deveriam edificar-se nos logares mais sadios, de distancia a distancia, aldeias com suas igrejas e escolas, e em algumas tambem albergarias. Estradas e caminhos vicinaes cortariam a campina em todas as direcções, As aguas mineraes e sulphureas, que abundam n'esta comarca, se aproveitariam para banhos thermaes. Granjas-modelos, collocadas nas mais adequadas situações, serviriam para naturalisar certos productos coloniaes, como o anil, a canna do assucar, que em circumstancias analogas tem dado bons resultados. Finalmente, seriam feitos todos estes trabalhos pelos habitantes da comarca, os serranos da Sabina e os camponezes das Marcas; tomando se todas as precauções indicadas pela experiencia, taes como, agasalho para os operarios até a construcção das aldeias, e abrigos provisorios longe dos centros d'infeccção, o impulso dados aos trabalhos pela agglomeração d'homens; e a suspensão d'elles durante as seis semanas mais perniciosas do verão. Estas providencias hygienicas sem duvida impediriam que a insalubridade se tornasse intensa, ou fizesse paralyzar a colonisação. O governo pontificio conservava, bem entendido, plena auctoridade na comarca por todo o tempo do contracto; e a final, expirado o prazo dos cincoenta annos do arrendamento, as propriedades voltavam a seus donos, porém melhoradas e com o centuplo do valor. — Por via d'esta empreza intelligente era restituída á cultura vasta porção de terreno; e os recursos do solo, assim aproveitados, geravam a abundancia e o commercio; a receita do estado augmentava pelo rendimento crescente dos impostos; este augmento punha termo ao estado precario de Roma, que vive das provincias; a população miseravel que superabundasse na capital, no interior das montanhas, ou nas planicies mui povoadas da Marca, poderia esperar obter commodidades pelo seu trabalho. N'uma palavra, a civilisação iria penetrar n'um territorio, que em relação a outros se acha no atrazo de alguns seculos. Foi isto exactamente o que fez abortar o projecto. O pontifice Pio VIII desejava o bem, mas não se achava munido de força bastante para fazer adoptar a proposta que tinha acolhido com boa vontade; parece que foi reputada perigosa para o *statu quo* politico da Italia central; e as doenças e a solidão ficaram soberanas da campina de Roma.

RELOGIO ASTRONOMICO DE STRASBURGO.

Em 1326, segundo Bailly, foi construido o primeiro relógio astronomico cuja data se conhece ao certo. O auctor d'elle chamava-se Ricardo Walingfort, abba de S.^o Alban na Inglaterra, e a sua obra, destinada a ornar uma das principaes igrejas de Londres, era, conforme a expressão d'um contemporaneo, *um milagre da arte, que nunca teria igual na Europa*. Ainda bem não tinham comtudo passado vinte e quatro annos, um artista italiano repetiu o milagre em Padua.

Eis aqui o que se sabe d'estes dois relógios; pouco é, mas é mais do que se pôde dizer do primeiro relógio astronomico de Strasburgo. Uma data, uma tradição vaga, uma lenda lastimosa, em que não entram nomes, são os unicos elementos da historia d'esta obra prima, que todavia gozava no XIV seculo d'uma celebridade talvez maior ainda do que as precedentes.

O capitulo soberano de Strasburgo queria ter um relógio digno da cathedral magnifica, em que devia, lembrando aos fieis a hora das orações, recordar-lhes os factos mais importantes da tradição christã e os principios fundamentaes da moral evangelica. Para o conseguir não se forrava a despezas; e por toda a Europa gyravam cartas convidando para emprender esta obra admiravel os mechanicos mais distinctos, os astronomicos mais sabios. Houve um homem que respondeu ao convite; veio offerecer o seu prestimo; foi acceito, metteu mãos á obra, e em 1532 estava o relógio acabado.

Foi convocado o capitulo para assistir aos primeiros movimentos da maravilhosa machina. Nada lhe faltava: alguns instantes antes de dar as horas, um gallo empoleirado na grimpá d'uma torre advertia os fieis batendo as azas, e com a voz estrondosa, que estivessem áleria e em guarda contra as suggestões do demonio, a que o principe dos apostolos não soubera resistir. Vinha depois a morte dar tantas pancadas n'uma campainha quantas eram as horas; em seguida um numero de apostolos, igual ao das horas, passava, inclinando se, por diante de Christo, que lhes impunha as mãos. Finalmente o carro do sol, percorrendo por um mostrador, indicava os mezes e as estações; e os ponteiros marcavam as differentes horas do dia, os dias da semana, os do mez, a idade do mundo, o anno de J. Christo &c. Era mais do que os conegos haviam esperado.

Retiraram-se para deliberar sobre a recompensa que o artista havia de receber. Mas apenas se afastaram d'elle assaltou-os o susto: o homem que lhes fizera o relógio podia, amestrado pela experiencia que acabava de adquirir, fazer outro relógio ainda mais portentoso para alguma outra cidade, e privalos a elles da gloria de possuirem uma singular maravilha. Um só meio havia de esquivar este dissabor; foi proposto, adoptado, e posto em practica no mesmo instante, e um horrivel sacrilegio privou da vista o infeliz artista. Informaram-n'o depois da causa d'este tractamento barbaro. «Insensatos! exclamou elle, que fizestes? O relógio está por acabar, e pára se lhe eu não pozer a peça que lhe falta, e de que só eu sei o logar.» Deram-se pressa em conduzi-lo para juncto d'aquella obra prima; porém assim que lá chegou, agarrando n'uma roda de que dependia todo o mechanismo, quebrou-a, e deixou parados para sempre os movimentos engenhosos que haviam de lhe dar renome, e á cidade de Strasburgo. Nunca mais se pôde achar um homem tão habi! que fizesse andar de novo este relógio.

Tal é a lenda da primeira machina astronomico de Strasburgo. Quem a quizer tomar a serio tem outras quasi semelhantes de mais dois relógios; o primeiro é o de Nuremberg, concertado em 1446 pelo celebre astronomico Regiomontanus (João Muller), a quem a tradição attribue a feitura de dois automatos maravilhosos; uma mosca de ferro, que voava á roda da mesa e dos convivas, e voltava á mão do seu dono; e uma aguia do mesmo metal, que saíu, voando, ao encontro do imperador Ottão II, e o acompanhou até as portas da cidade. O outro relógio é o do Lyão, construido em 1598 por Nicoláu Lippius de Basilea, e concertado em 1660 por Guilherme Nourrison, habil relojoeiro lyonez.

Em 1550 tentaram concertar o relógio de Strasburgo, ou antes fazer outro novo, á construcção do qual haviam de presidir os mathematicos mais celebres. A morte de alguns d'elles veio interromper o trabalho, e deixou a obra incompleta. Finalmente confiaram-na em 1560 a Conrado Rauchfuss, sabio professor de mathematica na universidade de Stras-

burgo, que analysando e traduzindo o seu nome em grego gostava de que lhe chamassem *Dasypodius* (pé cabelludo). Conrado juntou-se com o seu amigo David Wolkenstein, astrónomo hamburguez, e encarregou da construcção das differentes partes do mechanismo os irmãos Habrecht de Schaffouse, e do ornato Tobias Stimmer de Strasburgo: algumas pinturas e pequenas estatuas devidas ao talento d'este artista, ornam ainda hoje o relógio, que foi acabado aos 28 de Junho de 1574. Quatro annos depois saiu á luz uma descripção d'elle n'uma obra em latim, cujo titulo se póde traduzir d'este modo: *Descripção do relógio astronomico Strasburguense, construido pelo cuidado de Conrado Dasypodius, e collocado no cimo da cathedral. Strasb. 1578 in 4.º*

A obra de Dapysodius foi restaurada em 1669 por Miguel Habrecht, e em 1732 por Jacques Straubhar. Cessou de trabalhar em 1789.

Aos 24 de junho de 1838 foi começado por Mr. Schwilgué, habil artista strasburguez, o relógio actual, que se concluiu em 2 de outubro de 1842.

Um motor central, que é, por si só, um relógio muitissimo exacto, serve para indicar n'um mostrador, collocado por fóra da igreja, as horas e as suas subdivisões, e os dias da semana com os signaes dos planetas que lhes correspondem. Estas indicações são repetidas para a parte de dentro em dois mostradores: o primeiro, mais pequeno, mostra as horas; o outro, que não tem menos de 45 palmos de circumferencia, é exclusivamente consagrado ao kalendario, e mostra os mezes, os dias, a letra dominical, o nome do sancto ou sancta que se festeja, &c.

Dois genios com azas estão sentados cadaum do seu lado do mostrador pequeno. A cada quarto de hora, o que está da banda direita bate na campainha uma pancada, immediatamente repetida, por cima de todos os mostradores, por um automato que representa uma das quatro idades da vida. A Infancia dá o primeiro quarto, a Adolescencia o segundo, a Virilidade o terceiro, a Velhice o quarto. A Morte, que se vê sobre um pedestal a par da Velhice que se dispõe a tocar o ultimo quarto, tem a seu cargo dar as horas; e de cada vez que o faz, o segundo dos dois genios de que fallámos volta uma ampulheta, cuja exacção appresentou mais difficuldades a Mr. Schwilgué do que os problemas mais complicados.

Ao meio dia, ás badaladas das horas, succede uma procissão de doze apóstolos, que inclinando-se, cadaum d'elles do seu modo particular, vem saudar o Christo, que de cima d'um pedestal estende sobre elles as mãos como para os abençoar. Ao mesmo tempo o gallo, empoleirado na torre que se vê á esquerda, sacode as azas, e canta por tres vezes.

Uns carros em que vem lindas figurinhas, e que saem alternativamente d'um grupo de nuvens que está por baixo do mostrador das horas, indicam os dias da semana, representados, o domingo por Apollo, a segunda-feira por Diana, a terça-feira por Marte. O retrato que se vê no sopé da torre da esquerda é o de Copernico; homenagem d'um dos admiradores d'este astrónomo, que todavia não pôde obter que o systema de seu mestre fosse preferido ao de Ptolomeu.

Este relógio foi inaugurado aos 31 de dezembro de 1842, ás seis horas da noite. Mr. Schwilgué tinha-o adiantado 6 horas para que os movimentos do kalendario, do computo ecclesiastico, &c., que regularmente devem ter logar todos os annos á meia noite de 31 de dezembro se fizessem na presença dos espectadores convidados para a cerimonia. Ás cinco horas e meia, estando já a cathedral cheia de gente, chegou o bispo com toda a cleresia, e proferiu a for-

mula da benção. E logo, ao darem as badaladas das seis horas, puzeram-se em movimento as machinas de todos os mostradores, e com maravilhosa exactidão cada festa movel veio tomar o logar que havia de occupar no anno de 1843.

CARTAS INEDITAS DE D. JOÃO DE CASTRO.

PELA seguinte, não incluída na copiosa collecção de documentos com que o douto cardeal Saraiva, patriarcha de Lisboa, enriqueceu a edição feita em 1835 da vida d'este vice rei por Jacintho Freire de Andrade, daremos começo á publicação d'alguma das cartas ineditas mais interessantes do grande D. João de Castro. N'esta descreve elle a victoria de Diu com que vingou a morte do filho. Alterou-se a orthographia do original para facilitar a leitura.

Carta do Visorci D. João de Castro aos Vereadores, Juizes da cidade de Goa.

1547. 15 de Novembro.

QUARTA feria que foram vinte seis dias do mez d'outubro parti da fortaleza de Baçaim, caminho de Diu, e fui surgi na ilha das Vaccas. O numero da minha armada eram sessenta fustas, doze náus e galeões onde podiam ir mil e quinhentos soldados; e porque me era necessario ir tomar a ilha dos Mortos para ahi fazer aguada e para ahi recolher todos os navios, que no atravessar do golphão de necessidade se haviam de apartar de mim como aconteceu, determinei de aproveitar o tempo, que nesta ilha havia de estar, com fazer guerra pela costa de Cambaia; pelo que logo da ilha das Vaccas mandei D. Manuel de Lima com vinte fustas por capitão mór á enseada pera queimar e assollar toda a costa do mar. O qual por seus mecimentos lhe deu Nosso Senhor tal ventura, que em breve tempo abrazou dezeseite leguas de costa, sem lhe ficar cidade, villa nem logar, que não fosse queimada até os cimentos; nos quaes toda a gente foi mettida á espada sem perdoar a nenhuma cousa viva, e depois d'isto assi fazer se mettem pela terra adentro, queimando-lhe as sementeiras, pondo fogo a todas as eiras, de madeira que receberam grandissima perda nos rios e portos d'onde entrou, nos quaes queimou vinte náus grandes e cento e vinte cotias; que levavam mantimento ao arraial dos mouros.

Isto assim feito veio ter comigo á ilha dos Mortos, onde o estava esperando por me não parecer razão haver de entrar em tão duvidosa batalha sem um tal cavalleiro, e chegando com grande alvorogo de todos os capitães fidalgos e lascarins parti e fui surgir á vista da fortaleza de Diu, e ao outro dia fiz duas batalhas de minha armada: os navios de remo onde eu ia na dianteira e as náus e galeões um pouco atraz. Com esta ordem caminhei e vim surgir de fóra da barra de Diu, onde d'armada que cá estava e o baluarte do mar fui mui bem recebido com muitas festas e grandes alegrias, e me salvaram com toda a artilheria e eu depois a elles, e tanto que surgi mandei ao capitão que tirasse as portas da fortaleza fóra e o fizesse a saber aos mouros. E porque o logar mais conveniente da minha desembarcação estava escuro e em muitas opiniões, por causa de todas as partes onde podia desembarcar estarem cercadas de muros baluartes, com outras muitas tranqueiras e defensas, de tantas maneiras que quasi excediam a industria humana, quiz com minha pessoa ver este segredo com Lourenço Pires, capitão mór d'armada do reino, e Gar-

cia de Sá, e Manoel de Sousa, Francisco da Cunha e Diogo Alvares Telles, e outras pessoas sufficientes, e com elles fui ver o baluarte de Diogo Lopes, sem embargo que nos defendessem a vista com muita artilheria; mas no fim o houve de fazer, como fiz muito á minha vontade, e com parecer de todos assentei de não desembarcar por alli, polos grandes inconvenientes que para isso havia, mas que fosse á fortaleza e que d'ahi saísse dar combate; e como isto tivesse assentado lancei fama na minha armada e dentro na fortaleza que havia de desembarcar pola banda do baluarte de Diogo Lopes, e pera fazer isto crer aos mouros mandei ao outro dia tres caravelas que os fossem combater, das quaes eram capitães Luiz d'Almeida, Antonio Leme e Francisco Fernandes, a que chamam moricale: os quaes ante manhã combateram este baluarte com tanto esforço, que foi muito para louvar, e crendo os mouros que esta obra era a fim de desembarcar por esta parte, trouxeram logo a maior parte da artilheria do campo e a assentaram sobre a desembarcação, fortificando-se com muita industria, trazendo para ahi grão numero de soldados. Em quanto se esta obra fazia mandei mui secretamente desembarcar toda a gente na fortaleza, e apartei cincoenta fustas desemasteadas como que eu havia de ir ao outro dia desembarcar n'ellas polo logar que as caravelas combatiam. En'estas fustas não levavam outra gente senão marinheiros, puz muitas trombetas e atabales e charamelas, pera quando ouvissem a diversidade dos instrumentos desse fé de minha (armada) para ir dentro.

E por Nicolau Gonçalves ser homem muito esperto e cavalleiro muito practico nas cousas do mar, o fiz capitão mór d'esta fustalha, e concertei com elle que ao tempo que lhe lançasse sete foguetes da fortaleza remetteste á praia e disparasse toda a artilheria das fustas, e que fazendo que queria desembarcar, se detivese algum espaço, porque d'esta maneira primeiro que os mouros reconhecessem o ardil teria tempo de passar as suas muralhas e dar-lhe batalha. Isto assim concertado me desembarquei duas ou tres horas da noite, e ordenei de toda a gente duas batalhas s. s. o capitão D. João Mascarenhas com toda a gente da fortaleza fosse uma na dianteira, e eu com a gente d'armada na outra. E em sendo a manhã clara saímos fóra da fortaleza com nossos esquadrões cerrados, e os mouros nos resistiram á saída muito fortemente, tirando muita artilheria que estava assentada na entrada da ponte, e disparando em nós toda a sua arcabuzaria, com a qual nos mataram muita gente que poz logo grande espanto aos nossos, mas podendo mais a furia portugueza que as armas dos inimigos, houveram de passar a diante, posto que por cima de mortos: D. João Mascarenhas, capitão da fortaleza, com seu esquadrão chegou por uma banda ao pé das muralhas; com seu grande esforço e dos fidalgos e lascarins que consigo levava as houve de subir, sem embargo d'ellas serem valentemente defendidas com grande numero de frechas, espingardas, bombas de fogo e panellas de polvora, e outros muitos e grandes artificios de guerra; e passando além começou a pelejar. Eu cheguei por outra parte com minha batalha ao pé das muralhas, e as subi posto que com grande dano e perigo dos que comigo iam; passando a outra banda comecei a batalha. O numero dos mouros seriam vinte mil homens s. rumes, abexins, arabios, rubustos; porque a outra gente era infinita que se não podia contar. E os mouros posto que receassem pelejaram valentemente por espaço de duas horas; mas Nosso Senhor, que era por nós, lembrando-se que pelejavamos por sua fé e defensão de sua christandade, aprouve a sua misericordia de nos dar in-

teira victoria. Com a qual os arrancámos do campo e fomos apoz elles até a cidade e n'ella os entrámos por força d'armas, e por mais resistencia que nos fizeram lh'a ganhámos toda, pondo-os em fugida; e seguimos apoz elles o alcance espaço de meia legua: e creio que se fóra pola vontade dos fidalgos e lascarins que não pararam menos do Madabá. Mas vendo eu minha gente cansada e o grande numero de mouros, os fui recolher e trazer pera a cidade. Falarlamos particularmente em cada capitão, fidalgos, e lascarins, seria nunca acabar pelas muitas cavallarias e sortes, que todos fizeram n'esta batalha; morreriam homens portugues obra de trinta, em que entraram a maior parte fidalgos e muito honrados, e ficaram feridos duzentos e cincoenta. E dos mouros morreriam passante de tres mil, e com elles o Rumeção capitão geral d'elrei de Cambaia, e outros notaveis homens, e foi captivo Juzarquão, capitão geral dos abexins, que é um dos principaes senhores do reino de Cambaia. E Mojateção fugiu a unha de cavallo. Tomei mais a bandeira real d'elrei de Cambaia e quarenta peças d'artilheria, s. basiliscos, lions, esperas, salvages, e alguns tiros de campo, e assim todas as munições de seu arraial. N'esta batalha me ajudou muito Lourenço Pires, capitão mór da armada do reino, pondo-se diante de mim a todas as afrontas, como se esperava de tão nobre e principal fidalgo e tão experimentado em batalhas de mouros: o capitão D. João Mascarenhas fez tanto e pelejou tanto, que se não póde louvar seu esforço e cavallaria tão famosa. Tal victoria como esta que me Nosso Senhor deu, digna de ser celebrada em quanto durar a memoria dos homens, eu vos posso afirmar que se não podera alcançar sem graça e ajuda divina, que endereça minhas cousas de maneira, que por ter confiança em Deus, que fóra da opinião e esperança de se poder acabar tamanho feito me deu vencimento e inteira vingança da morte de meu filho.

Por Simão Alvares cidadão d'essa cidade vos mando a bandeira real d'elrei de Cambaia, para que todos façaes uma solemne procissão e vades a Nossa Senhora da Luz, na qual levareis a bandeira alevantada e estendida para que os mouros e gentios vejam as mescês e victorias que nos Nosso Senhor dá, por sermos christãos e pelejarmos em defensão de sua sancta fé catholica.

Dos casados e moradores fui mui ajudado assim no mar como na terra, os quaes se mostraram n'esta batalha grandes, e notaveis cavalleiros: todos me teem tão bem ajudado e servido a elrei nosso senhor que são merecedores de mui grandes premios.

Havida esta victoria mandei que todos os mestiços que se n'ella acharam fossem assentados em soldo e mantimento, por honra d'este grande feito como por me parecer que n'isto comprazia a todos os cidadãos, e povo d'essa mui nobre e sempre leal cidade de Goa. A Simão Alvares vos encomendo muito pera que de todos seja mui honrado e bem recebido, porque a sua vinda a esta fortaleza foi muita parte depois de Deus ás vidas de muitos fidalgos e lascarins os quaes elle curou como grande physico que é, dando geralmente todas las suas mezinhas de graça, fazendo outras muitas boas obras d'esforço, de maneira que com verdade se póde dizer por elle doutor e cavalleiro.

As novas de mim são ficar em boa disposição, Nosso Senhor seja louvado, e em trabalho de fazer esta fortaleza de novo, pera que me faltam muitas cousas; mas se me Deus ajudar os montes se tornarão valles, e os barrancos estradas chãs.

Encomendo-me senhores em vossas mercês. De D. Diu a 15 de novembro de 1547.